

## DOSSIÊ ANPOF 02

### A FUNÇÃO LÓGICA DO SINTOMA (The Logical Function of Symptom)

**Prof. Dra. Maria Cristina de Távora Sparano**  
Dep. de Filosofia –UFPI/UFPR  
Bolsista DCR/CNPq

**Resumo:** A escrita simbólica do sintoma e o interesse pela função proposicional, definida por Frege como o elemento constante que representa o conjunto de relações, é propícia para a escrita do elemento invariante que dá continuidade, coesão ao destino de alguém e é também o ponto fixo que se repete através da diversidade de suas relações aos outros e às coisas, característica de relações essenciais das quais o sujeito se queixa, mas não saberia se privar, o compromisso doloroso com seu passado inconsciente que o determina, que recusa a romper e que constitui seu sintoma.

**Abstract:** The symbolic writing of symptom and the interest in the propositional function, defined by Frege as the constant element that represents a set of relationships, is favorable for the writing of the invariable element that gives continuity, cohesion to one's destiny and is also the fixed point that repeats itself throughout the diversity of his/her relationships with other people and things, characteristic of essential relationships which the person complains about, but would not know how to deprive himself/herself of, the painful commitment with his/her unconscious past that determines himself/herself, which refuses the break off and that constitutes its symptom.

Este trabalho tem como objetivo mostrar como Freud apresenta a formação de sintomas a partir dos temas presentes nos mitos freudianos “Totem e Tabu” e “Moisés e o Monoteísmo”. Pretende mostrar ainda como se dá a passagem da função do sintoma a partir de uma descrição fenomenológica, como aquela que encontramos no texto freudiano “Inibição Sintoma e Angústia”, a uma formalização lógica, tal como Lacan a preconiza.

#### **I – A interdição - o pai:**

Em 1913 Freud escreve Totem e Tabu. Nesse texto apoiado pelas pesquisas antropológicas de Fraser e na hipótese darwinista da evolução das espécies, mostra uma organização social na qual os filhos reunidos matam o Pai por ser aquele que dotado de poder sobre eles usufruía todas as mulheres. Após o ato assassino, devoram seu corpo em comum e segundo a teoria totêmica de Smith, adotada por Freud, a este ato segue-se uma organização social chamada de clã fraterno totêmico, cujo ritual do banquete representava a repetição solene do parricídio. Ocorre que o gesto dos filhos, o parricídio, deu origem também a uma proibição em relação às mulheres do mesmo clã, interdição de gozar da mãe e das irmãs do clã, instituindo do ponto de vista social a exogamia e, do ponto de vista psicológico, em consequência da culpa por esse ato, a proibição do incesto: o que era vivido como inveja da força do pai, tem no ato criminoso dos filhos, uma relação fundamental ao sexo, socialmente estruturada segundo as regras do tabu.

Segundo Freud: “Tudo que podemos acrescentar à concepção reinante, à psicologia dos povos, é que o temor do incesto constitui um traço essencialmente infantil e se coordena de um modo que nos deixa perplexos com o que sabemos da vida psíquica dos neuróticos... Somos assim levados a ver na atitude incestuosa em relação aos pais o complexo central da neurose... Somos obrigados a admitir que a resistência decorre, sobretudo da profunda aversão que o homem experimenta por

desejos incestuosos de outrora, hoje completamente e profundamente recalçados... destinados a se perderem um dia no inconsciente” (Freud 1969a).

Mais tarde, em 1939, no ano de sua morte, Freud conclui o texto de Moisés e o Monoteísmo. Nesse texto relata a saga de Moisés, ao conduzir o Êxodo do Egito. Ao relatar as peripécias do povo judeu e a morte inexplicável de Moisés, Freud mostra a incidência da culpa, que diz ser a culpa trágica de um povo, que além da traição ao Grande Homem, como é chamado Moisés, carrega o fardo de não ter se redimido da morte de Deus.

... convidamos o leitor a dar mais um passo, aceitando que na vida da espécie humana aconteceu algo similar aos sucessos da existência individual, quer dizer, que também naquela ocorreram conflitos de conteúdo sexual agressivo que deixaram efeitos permanentes, mas que na maior parte foram rechaçados, esquecidos, atuando mais tarde, depois de uma prolongada latência produzindo-se aí fenômenos análogos aos sintomas por sua tendência e estrutura... A restauração da religião do proto pai com todos seus direitos históricos significou um considerável progresso, mas não um termo final, pois os restantes elementos da tragédia pré-histórica também exigiam imperiosamente reconhecimento... parece que como precursor do” retorno do reprimido “, um crescente sentimento de culpabilidade se apoderou do povo judeu e quiçá de todo mundo civilizado, até que por fim, um homem daquele povo achou na reivindicação de certo agitador político religioso o pretexto de separar o judaísmo de uma nova religião (Freud 1969b).

Mais do que o aporte de um significado para a cultura esses textos tem a qualidade e fornecer uma interpretação da realidade psíquica que visa à estrutura da neurose e o funcionamento do sintoma. Freud estabelece que o recalçado é de ordem do sexual e a sexualidade humana está assentada numa base conflitual. A evolução libidinal busca caminhos peculiares de satisfação nas primeiras relações da criança com a mãe onde ficarão marcadas experiências de satisfação, pontos fixos, que comporão a história dessa evolução. Os caminhos de satisfação libidinal – a sexualização – serão determinados pela função do pai, que ao mesmo tempo em que oferece uma forma de aprendizado ao sujeito, tem a função de proibição de um desejo incestuoso em relação à mãe. A frustração em relação a esses caminhos plenos de realização do desejo sexual e de impotência em relação ao objeto, determinará vias de satisfação substitutivas. É sintoma esse novo meio de satisfação libidinal próprio a cada sujeito. O sintoma é um substituto da sexualidade recalçada de conteúdo incestuoso. A moção psíquica é o desejo incestuoso proibido e o sintoma, o herdeiro do complexo edípico. Este conteúdo do âmbito edípico é o motivo da culpa do sujeito e a razão da ação repetidora dos primitivos modos de satisfação auto erótica que um dia sucumbiram à repressão. Repete-se assim o drama presentificado no mito do Pai.

Em “Inibição, Sintoma e Angústia”, texto de 1925, Freud não só expõe o funcionamento do sintoma, mas como este se apresenta na neurose. Da mesma forma como na tríade anelada retomada em Lacan pelo nó borromeano, a angústia que em consequência de uma carga afetiva é sentida no corpo como desprazer e se enlaça à inibição, o “eu” evitando um novo conflito com o “isso”, renuncia a alguma função para não levar a termo uma nova repressão. Freud mostra a relação da origem da formação de sintomas com a proibição, como signo de uma expectativa de satisfação de um instinto proibido, resultado de um processo de repressão, mostrando sua característica básica de um “afeto deslocado”. A idéia, veículo do impulso proibido, não alcança a consciência, mas continua existindo como uma representação reprimida. *O sintoma é sempre uma solução*, mas de uma satisfação degradada. Usa a imagem do viajante que caminhando na obscuridade, põe-se a cantar para espantar seus temores,

mas que nem assim, enxergará melhor. Freud diz que ao demonstrar o processo dessa forma recorre a uma descrição fenomenológica e não a uma exposição metapsicológica e faz ainda referência à Fisiologia, onde os estados afetivos se inscrevem no corpo do ser vivo e atuam dentro de princípios econômicos.

Freud define ainda o sintoma como um ato inútil ou nocivo que o sujeito na maior parte das vezes realiza contra sua própria vontade e experimentando desprazer. Seu aspecto mais prejudicial é o esforço psíquico que o sujeito tem que dispensar, tanto para executá-lo como para combatê-lo, criando uma incapacidade para desenvolver atividades fundamentais. Ao mesmo tempo, o sintoma é a *prova irrefutável da existência do inconsciente*, já que é resultado de um conflito cujo sentido o neurótico desconhece e que surge em torno do modo de satisfação da libido. O recalçamento é condição do sintoma, na medida em que impede o acesso do impulso à consciência e a motilidade, o sintoma é um obstáculo e ao mesmo tempo o substituto de um ato efetivo que o sujeito não pode realizar. No entanto o regime de satisfação requer um trabalho de manutenção desse “corpo estranho” que incomoda, mas que é ao mesmo tempo caro ao sujeito. Assim, a libido com sua força constante que tende à satisfação é obrigada a empreender outros caminhos. Recalcada, a libido empreende uma marcha regressiva ao encontro de pontos de fixação, retorna aos primeiros objetos de investimento, incestuosos, ou a antigos modos de organização libidinal que permitiram uma satisfação no passado. Dessa maneira, a libido se concentra em determinadas representações da fantasia onde se presentificaram modos de satisfação da vida infantil. Essa concentração da libido numa representação fantasmática é desde o ponto de vista econômico a etapa imediatamente *anterior ao estabelecimento do sintoma*. Freud sublinha a importância do fator quantitativo determinante para que a fantasia se torne a base sobre a qual o sintoma se constrói: um axioma. Porém essa via de satisfação encontra obstáculos à sua realização e a libido só conseguirá manifestar-se por caminhos indiretos através de deformações. A resultante – sintoma se afirmará pela incidência de automatismos de repetição de caráter compulsivo que determina o rumo da libido marcada por esses pontos de fixação. Através dessa transação a satisfação não tem condições de mobilidade e esgota-se no próprio corpo. Freud afirma:

Esses sintomas não oferecem à satisfação nenhum elemento real... a pretensa satisfação sexual apresenta com freqüência um caráter pueril e indigno, culposos, aproximando-se a um ato masturbatório... Esse caráter auto-erótico da satisfação deve-se à modalidade das primitivas satisfações das pulsões sexuais encontradas no processo regressivo. Assim, o sintoma substitui “uma modificação do mundo exterior por uma modificação somática”, isto é, uma ação exterior por uma ação interior, um ato por uma “adaptação”(Freud 1969c).

Na “Conferência XXXI”, Freud refere-se ao sintoma como “uma terra estranha interior”, um enigma, situado ao lado das formações do inconsciente como o chiste, o ato falho e o sonho que afloram através da corporeidade da palavra, o que pediria interpretação, mas dada sua característica enigmática, só pode ser decifrado ser decifrado. Decifrar um sintoma é achar uma função redutora, um modo fundamental para a psicanálise de tratar o que se inscreve no corpo-simbólico do sujeito. Este corpo feito à sua imagem ou à imagem de seu corpo, sua carne ou carne do mundo como diria Merleau-Ponty, é uma imagem reificada, formada a partir de uma relação imaginária e narcísica. Se o sintoma aparece com essa opacidade subjetiva de enigma, a demanda do paciente por esclarecimento se dará pela palavra ou, em outros termos, pela articulação significativa. “Se admitimos que o homem pensa com as palavras, é no encontro das palavras e do corpo que algo se esboça”, diz Lacan na “Conferência de

Genebra” sobre o sintoma, porém, de algo irremediavelmente perdido “... um fragmento de cena vista é reunido na fantasia com outro de uma cena escutada, enquanto que o fragmento liberado entra em outra conexão. Com isso, o nexos original se torna irremediavelmente perdido”, uma colcha de retalhos que o sujeito costura frente ao trauma.<sup>1</sup> Se não é possível articular através do significante o real que se atravessa no caminho, é devido a essa estrutura mesma que, na falta, faz com que o sujeito crie expressões de pensamento ou expressões somáticas que dêem conta do enigma da sexualidade. Por outro lado, a estabilidade do sintoma, permanecer em falta, é a prova que o sujeito não se livra mais à insatisfação, mas pondo-se nesse lugar, que é da falta, produz uma modificação no corpo ou no mundo para suportar o excesso de satisfação que isso comporta.

## II -A Impossibilidade – O Paradoxo:

As muitas iniciativas teóricas de Lacan sobre o sintoma têm como objetivo tirar os estudiosos da psicanálise de uma psicologização ou de uma medicalização da psicanálise. Ao colocar o sintoma numa perspectiva mais social do que médica, quer dizer que a expressão do sintoma tem relação à linguagem.<sup>2</sup>

Na tentativa de expor um saber sobre a psicanálise, Lacan recorre à lógica e a modelos topológicos que designa como matemas. O desafio para Lacan é a transmissibilidade e o ensino da psicanálise. Isso supõe uma formalização matemática que Lacan não hesita em designá-la como seu objetivo. “A formalização matemática é nossa finalidade, nosso ideal. Por quê? Porque só ela é matema, isto é capaz de transmitir integralmente” (Lacan 1975a).

A teoria do nó borromeano é um dos recursos topológicos lacanianos. O nó é o que permite pensar um conjunto estrutural des-hierarquizado, pois consiste numa série de anéis que se sustentam juntos e que se desfazem se um deles se desfizer. É um trio solidário, cada um amarrado em torno de seu próprio vazio, contemplando um vazio central na estrutura nodal. Seus termos são: Simbólico, Imaginário e Real operados pelas relações lingüísticas.

É na dimensão do real que surge o sintoma, mas como um efeito particular do simbólico no real, o impossível que o simbólico tenta tornar possível. Lacan introduz aí a categoria do impossível, que vai buscar na lógica modal, opondo o real ao possível. A referência lógica é a lógica da necessidade, da possibilidade, da contingência e da impossibilidade, desenvolvida no séc. XX, tomada dos medievais.

O sintoma se faz necessário: “não cessa de se escrever” (Lacan 1975b). Lacan com o artifício lógico abstrai da apresentação fenomenológica e apresenta algo dessexualizado : um real que “não cessa de não se escrever” (*idem*) e que do ponto de vista lógico é a categoria do impossível. Este impossível diz respeito à relação sexual, que Lacan diz então não existir, pois o que é válido numa relação é uma relação logicamente definível e a relação sexual não o é, ou seja, não há uma escritura possível da relação sexual, pois não há equivalência de termos (homem/ mulher) para que se estabeleça uma equivalência válida. No entanto, o sintoma procura negar essa proposição afirmando, daí seu caráter paradoxal. A queixa dos pacientes é de que não se sentem bem com o que são, mas ao mesmo tempo, a forma como vivem, isto é, seu sintoma, lhes dá satisfação. Diz Lacan que não se contentam de seu estado, mas assim mesmo tão descontentes, se contentam com isso e podemos acrescentar, repetem uma forma de satisfação paradoxal.

Porém o sentido do sintoma se afirma ao buscar objetos, bens, que satisfaçam as fantasias do sujeito, buscando pontos iniciais de fixação reprimidos. Este é o ponto de partida da repetição inaugural visando o gozo. Lacan ao tratar a lógica do gozo afirma que “a dimensão própria do ato - sexual, pelo menos, mas da mesma forma de todos os atos, o que é evidente - é o fracasso” (Lacan 2006) e o sintoma é o que faz suplência a essa impossibilidade. Ele refere-se à impossibilidade da relação sexual, pois é nesse ponto que o sintoma une o significante simbólico da falta, com o real da falta do sujeito que por ser assujeitado ao sexo, recua frente à castração. É por essa razão que no seio da relação entre um homem e uma mulher, há uma falha, uma incompletude, que em psicanálise é chamada de castração. Vemos então, como o impossível aparentado ao real se apresenta aqui dotado de sentido, através da suplência a essa relação.

Lacan, no sem XVII, diz que a verdade não é uma palavra para ser usada fora da lógica proposicional, onde ela é tida como um valor, valor de verdade, reduzida a um símbolo. Referindo-se a Frege, diz que o que é dito é a frase, mas que o único meio de lhe dar suporte é o significante e que este diz respeito ao sentido da frase, por isso a frase sintomática é verdadeira e tem sentido, mas não tem substância. O estofado dessa verdade são as crenças do sujeito, suas identificações, de onde lembramos que para Lacan, toda verdade tem estrutura de ficção. Dizer por ex. que um incesto e um assassinato são coisas equivalentes, certamente isso não nos virá à mente, mas a comparação de dois mitos, (Édipo e Antígona) ou de dois estágios do mito, pode fazer com que isso apareça. Nos diferentes vértices de uma constelação que se parece com aqueles pequenos cubos que eu desenhava no quadro na última vez, vocês terão, por ex., os termos pai - mãe, a mãe sendo desconhecida para o sujeito. Na primeira geração haverá então, incesto. Quando passarem à geração seguinte, recenseamentos precisos segundo leis, que só interessam por apresentar uma formalização sem ambigüidades irão mostrar que a noção de irmãos gêmeos é a transformação do par pai - mãe na primeira geração e que o assassinato trágico de Polinice está situado no mesmo lugar do incesto... Isso nos dá a idéia do peso, da presença da instância do significante como tal, de seu impacto próprio. O que se isola aqui é sempre o mais oculto, já que se trata de alguma coisa que em si, não significa nada, mas que carrega toda uma ordem de significações. Se existe algo dessa natureza, em nenhum lugar é tão sensível quanto no mito (Lacan 1994). De onde extraímos importância do mito, preconizada na primeira parte desse trabalho.

No sintoma o inconsciente se manifesta de verdade, porém, não basta escutá-lo, conhecê-lo para que a verdade se manifeste, pois seu sentido é justamente o “nonsens”, o “sans queue ni tête”, que lhe dá peso. Para ilustrar, é bom lembrar a historinha contada por Lacan no seminário XVII, *L' envers de la Psychanalyse*: assim como é difícil agarrar um pássaro é difícil agarrar a verdade, a solução para agarrá-lo talvez fosse pôr sal sobre sua cauda, mas a verdade que é fugaz, voa como o pássaro...

O sintoma recobre a verdade que é real, o real do sexo, enigmático, mas um saber não sabido já que é inconsciente. Conseqüentemente, o sintoma tem um sentido paradoxal para o sujeito, que se dá no corpo, mas estranho à imagem de si, pode-se dizer, uma verdadeira fantasmagoria.

A relação da verdade com o saber que sujeito até então supunha deter dá ao sintoma essa característica: algo que ele supunha ter, mas que patina, pois mudam as relações significantes, mudam as variáveis na frase-sintoma, mas não muda o sintoma

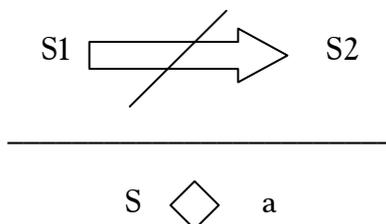
nem a estrutura do sintoma que Lacan apresenta pela “phrase à trous” ou reticências (...) passível de muitas variáveis lógicas.

O paciente se queixa de seu sintoma porque quer viabilizar a completude, no entanto, a completude é impossível. Nesse impasse, o sujeito patina, mas é justamente na própria incompletude que a clínica se torna viável, pois é onde o paciente poderia situar um “savoir faire” com o sintoma determinado pelas fantasias fundamentais que lhe causam.

Para Lacan, “o sintoma é a estrutura” e a partir da teoria dos quatro discursos, onde os termos que ocupam no matema o lugar de:

O agente	o outro
a verdade	a produção

como sugestão, para o sintoma apresentamos uma formulação de matema:



onde a relação significativa é coartada e temos o sintoma determinado por um axioma (fórmula fantasmática) que dá a “isso que patina”, uma significação para o sujeito, mesmo que de suplência.

### Referências Bibliográficas

- ASSOUN, Paul-Laurent (2003). *Lacan, Que sais-je?* Paris: PUF.
- FREGE, Gottlob (1992). *Logique et Fondements des Mathématiques*. Paris: Payot.
- FREUD, Sigmund (1969a). “Totem e Tabu”. In: *Obras Completas, Ed. Standard*, Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- \_\_\_\_\_ (1969b). “Moisés e o Monoteísmo”. In: *Obras Completas, Ed. Standard*, Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- \_\_\_\_\_ (1969c). “Lições Introdutórias à Psicanálise”. In: *Obras Completas, Ed. Standard*, Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- LACAN, Jacques (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_ (1975a). *R.S.I. (1974-1975)*. Texte établi par J.A.Miller, 1ère transcription. In: *Ornicar*, n.3
- \_\_\_\_\_ (1975b) *Le Séminaire XX, Encore*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_ (1991) *Le Séminaire, XVII, L’Envers de la Psychanalyse*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_ (1994). *Le Séminaire, IV, La Relation D’Objet*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_ *Le Séminaire, XVI, D’un Autre à l’autre*, Paris: Seuil, 2006
- LARGEAULT, Jean (1970). *Logique et Philosophie chez Frege*. Louvain: Nauwerlaerts.
- RUSSELL, Bertrand (1991). *Introduction à la Philosophie Mathématique*. Paris: Payot, 1991

## Notas

<sup>1</sup> Trauma (segundo Laplanche e Pontalis): Impressões precocemente vivenciadas e esquecidas mais tarde importantes na etiologia da neurose. No entanto, a pré-história do sujeito nem sempre coincide com um trauma evidente, pois a neurose não é adquirida, mas desenvolvida no sujeito a partir de disposições constitutivas e hereditárias.

<sup>2</sup> Lacan diz que a noção de sintoma não deve ser buscada na medicina, mais precisamente em Hipócrates, mas em Marx. Quer com isso dizer Marx ao criticar o capitalismo denuncia a redução do proletário a nada e que, ao se despojar de tudo torna-se o messias do futuro, um sintoma.

Artigo recebido e aprovado em 31/05/2007.